

“Lembranças da Guerra da mata”: memórias e mitos da Guerrilha do Araguaia

*Deusa Maria de Sousa**

Resumo:

Quando se fala hoje em Guerrilha do Araguaia busca-se, principalmente na memória dos moradores da região, os vestígios mais significativos deste episódio recente da história do Brasil. Este conflito ocorreu na região hoje compreendida, entre os atuais estados do Tocantins, Pará e Maranhão. A “*Guerra da mata*” para os moradores da região ou Guerrilha do Araguaia, como assim ficou conhecida, foi um movimento armado de maior resistência às forças oficiais, durante a Ditadura Militar entre os anos de 1972 a 1975. Este artigo pretende discutir, previamente a partir dos relatos de moradores e guerrilheiros que vivenciaram ao episódio do Araguaia, as memórias e os mitos construídos a partir da “*Guerra da mata*” na região do Araguaia.

Palavras-chave: Ditadura militar, guerrilha, memórias, torturas, traumas, mitos.

Introdução

Este artigo se propõe discutir, previamente, as memórias construídas da “*Guerra da mata*” pelos moradores e camponeses da região do conflito, sob a presença das forças oficiais, nas três campanhas de combate a Guerrilha do Araguaia. Esta foi um movimento armado orientado e dirigido pelo PC do B - Partido Comunista do Brasil, localizada na região do Bico-do-Papagaio¹, Inspirada no modelo de guerra popular

* Graduada e Mestranda em História no PPGH da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. deusams@terra.com.br

¹ Essa região foi denominada Bico-do-papagaio, segundo alguns, pela junção dos três estados: Pará, Maranhão e Goiás, atual Tocantins, formando assim uma protuberância geográfica, semelhante ao bico desta ave.

“O local escolhido para a deflagração da luta armada foi o sul do Pará, pelas dimensões territoriais, pela geografia do local: florestas e serras e disparidades regionais. Contudo, o principal argumento da escolha do local era o fato de os comunistas considerarem o campo, com o abandono das populações rurais pelas

prolongada e na experiência do líder chinês Mao Tse-tung². Ela nasceu como síntese crítica das experiências do movimento de guerrilha no Brasil e na América Latina, e como estratégia de sobrevivência de suas lideranças, que se encontravam, neste momento, perseguidas pela Ditadura Militar nos grandes centros. A Guerrilha do Araguaia surge neste contexto de grande dificuldade da luta armada na cidade no final da década de 60. Para isso, fez-se necessário contar com condições que fossem adequadas para sua preparação e que fugissem do raio de atenção dos órgãos repressivos do regime ditatorial. A escolha do local pelo Comitê Central do PC do B deu-se após muitos estudos e avaliações entre a região do Araguaia e outras em que se agregassem condições para a deflagração de um movimento que seria feito por etapas. Elza Monnerat, militante comunista e guerrilheira no Araguaia, relata em seu caderno de anotações, redigido na prisão em 1979 e publicado na obra de Verônica Berchet³ (2002, p.143.), este primeiro momento, com sua chegada na região do conflito:

(...) Não podendo continuar no Rio, mudei-me para S. Paulo e depois para o Pará. No dia de Natal de 1967 cheguei ao sítio da Faveira, à margem do Araguaia, junto com dois companheiros: Maurício Grabois e Joca⁴. Ali montamos uma quitanda, fizemos roça, trabalhamos, vivemos em liberdade. Aos poucos, fomos conhecendo os moradores e sua situação. Viviam no mais completo abandono. Seu único contato com o mundo era feito através dos “motores” que subiam e desciam o rio. Não havia estradas, só trilhos, feitos pelos próprios camponeses a fim de poder chegar ao Araguaia, levando nas costas, e em jegue, os produtos da terra e as peles dos animais que caçavam para comer. O facão era seu principal instrumento de trabalho. Com ele brocavam, carpavam, plantavam, tratavam da caça, do peixe, lavravam castanhas, praticamente o usavam para tudo.(...).

O cenário onde se desenvolverá todo o conflito será nas matas do Araguaia, entre as forças oficiais e as guerrilheiras. Esta última era constituída, em sua maioria por

autoridades brasileiras, o elo débil da estrutura social brasileira”. In: CAMPOS FILHO, Romualdo Pessoa. Guerrilha do Araguaia: A esquerda em armas. Goiânia: Editora da UFG, 1997.

² “(...) O verdadeiro maoísmo passou a grafar sua doutrina como ‘marxismo-leninismo pensamento de Mao Tse-Tung’. As importantes contribuições de Mao Tse-Tung a respeito da estratégia e tática de guerrilhas e à formulação da ‘guerra popular prolongada’ repercutiam na elaboração teórica e na estratégia de luta da Ação Popular e do Partido Comunista do Brasil. (...)” (Idem. P.64.).

³ BERCHE, Verônica. *Coração Vermelho: A vida de Elza Monnerat*. São Paulo: Ed: Anita Garibaldi, 2002.

⁴ Codinome de Líbero Giancarlo Castiglia, cidadão italiano e militante do PC do B.

militantes do PC do B, e alguns populares da região, como assim destacou Gorender (1987, p.234)⁵:

O PC do B pôde, em suma, concentrar recursos humanos e materiais na estruturação da sua base guerrilheira, no que revelou à margem esquerda do rio Araguaia, no sul do Pará, um grupo de militantes com treinamento na China: Osvaldo Orlando da Costa (Osvaldão) João Carlos Haas Sobrinho, André Grabois, José Bronca e Paulo Mendes Rodrigues. Paulatinamente, sobretudo a partir de 1970, chegaram outros militantes e atingiu o total de 69, dispersos ao longo de um estendido de Xambioá (GO) até Marabá.

Havia, de acordo com as fontes consultadas (Cabral, 1993)⁶, um contrato de segredo de Estado instituído pelo regime ditatorial em relação à Guerrilha do Araguaia. Índícios disto foi a maneira desigual como as forças oficiais trataram este episódio. Foram cerca 10 mil militares (Campos Filho, 1997) em três campanhas. Esse efetivo foi composto pelas Brigadas de Infantaria da Selva (BIS), além de outras unidades, como os efetivos de Brasília, do Rio de Janeiro e militares do Comando Militar do Planalto, para combaterem sessenta e nove homens e mulheres, em sua grande maioria jovem, que até chegarem ao cenário do conflito, nunca haviam pegado em armas.⁷ Quando se fala hoje em Guerrilha do Araguaia busca-se, principalmente, na memória dos moradores da região, os vestígios mais significativos deste episódio recente da história do Brasil.

A dureza e a crueldade com que foram tratados os camponeses e a população local da região do Araguaia pelas forças oficiais, principalmente o Exército, é marca, ainda hoje, tanto na memória dos que conviveram com os guerrilheiros, quanto daqueles que não os conheceram, mas que também sofreram humilhações e torturas empregadas pelo Exército. As vítimas guardam em suas memórias a sombra de um passado doloroso em relação a estes acontecimentos, tidos como proibidos durante muito tempo pela população. Neste aspecto, torna-se importante discutir questões da memória, como assinala David

⁵ *Combate nas Trevas – A Esquerda Brasileira: das Ilusões perdidas à Luta Armada*. São Paulo: Ática, 1987. A obra de Gorender apresenta um apurado estudo sobre as diversas organizações políticas da esquerda brasileira. Polemiza também sobre a Guerrilha do Araguaia, da tática a estratégia adotada pelo PC do B.

⁶ CABRAL, Pedro Corrêa. *Xambioá: Guerrilha no Araguaia*. Rio de Janeiro: Record, 1993.

⁷ ANTERO, Luiz Carlos, SILVA, Eumano e AMAZONAS, João. *Uma Epopéia pela Liberdade: Guerrilha do Araguaia – 30 anos*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2002.

Lowenthal⁸: (1997, p.75) “Toda consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência de acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos que já vivemos um passado”. Houve, durante muito, tempo um temor por parte da população do local do conflito em falar dos acontecimentos que acometeram grande parte dos camponeses, moradores e até mesmo religiosos durante o período do conflito. Este silêncio pode ser interpretado pelos estudiosos das questões referentes à memória de várias formas: lapso, traumas, medo, silenciamentos seletivo, entre outras denominações.

Os depoimentos concedidos aos historiadores Giovane Felipe⁹ e Romualdo Pessoa Campos Filho (UFG), entre os anos de 1992 a 1994, após três meses de contatos, demonstram como a presença dos historiadores conseguiu romper o silêncio sobre muitos episódios e o tratamento dado pela forças oficiais aos moradores e guerrilheiros como advertências para não ajudarem ou se envolverem com os guerrilheiros. Muitos moradores não acataram tais ordens e orientações dadas pelas forças do governo, e assim pagaram com o suplício físico e psicológico por tal “desobediência”, marcas ainda perceptíveis nos mesmos. No depoimento de AL¹⁰, Guerrilheiro banido pelo comando da Guerrilha por se envolver afetivamente com uma moradora da região – falta grave para conduta dos guerrilheiros, descreve os dias de agonia e torturas nas mãos das forças do Exército:

(...) Mais ou menos umas sete horas apareceu três elementos, tudo barbudo, usando metralhadora, ardearam minha casa. Quando eu dei com a vista nos elementos, já sabia mais ou menos que alguma coisa ia acontecer. Eles entraram, e disseram: você é o Amaro? Eu disse, sou o Amaro. E disseram: vem cá, converse aqui com nós, não vai mentir porque eu já sei o que é que tu está fazendo, tua vida eu já sei, já me contaram tudo. Eu disse, bem, se vocês já sabem então não adianta nem eu conversar, porque... Não, mais conta tua história, como é que tu veio prá aqui. Aí eu comecei, enrolando um pouco, não

⁸ LOWENTHAL, David. *Como conhecemos o passado*. Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de história da Universidade Católica de São Paulo nº0 (1981) – São Paulo: EDUC, 1981.

⁹ Romualdo Pessoa Campos Filho é Mestre em História e professor no Departamento de Geografia da Universidade Federal de Goiás e ainda autor da obra: *Guerrilha do Araguaia: A esquerda em armas*. Goiânia, UFG, 1997. Giovane Felipe é Mestre em História pela Université de la Sorbonne Nouvelle (Paris III), foi bolsista da Capes e doutorado em História pela école des Hautes études em Scienses Sociales, em Paris, França, sob orientação do Professor-Doutor Ronald Hubscher. Tese: *Histoire de la guérilla de l'Araguia (Brésil:1996-1975)*.

¹⁰ *Entrevista do Sr. Amaro Lins*, lavrador em São Geraldo - PA, remanescente dos primeiros guerrilheiros que vieram preparar a Guerrilha do Araguaia, foi membro-presidente do PC do B da cidade São Geraldo.

contando... não falando, como se diz, contando a história, sempre protestando. Não, conversa direito, conta tua história firme, porque eu já sei que tu é do Partido Comunista. Eu disse, sou do Partido Comunista, e vim com o pessoal. Mas como é que tu veio prá cá. Aí eu comecei... falava o seguinte, vocês não já sabem tudo, então não adianta mais eu conversar prá vocês porque vocês já sabem, então é isso mesmo. Fiquei dormindo... dormindo não, que eu não dormia, isolado no chão essas noites todas, de vez em quando eles chegavam, torturavam, davam choque elétrico, e dizendo que iam me matar, me jogar dentro do Araguaia, fazendo aquela costumeira... como eles fazem com todo mundo.

As pesquisas mais recentes feitas por jornalistas e historiadores em relação à ação das forças oficiais no episódio do Araguaia dão mostra dos dias difíceis nos quais a população simples teve de conviver com o terror e a imposição em nome da ordem. O morador JO¹¹ relata alguns destes momentos que viveu a população com a presença do Exército na região à época do conflito:

*Foi de desespero. A primeira coisa que as tropas fizeram foi render todos os pais de família daquela época. Inclusive meu pai foi preso, passou oito meses na cadeia, depois para Araguaína, (...) Noite e dia tinha tropa. Inclusive, lá em casa mesmo eles chegaram a alojar mais de semanas lá em casa. Desciam os helicópteros (...) veio também os carros de combate, ficaram lá em casa mesmo, lá na própria sede. Hoje meu pai não conta mais com essa terra, ele vendeu. Prá aquela época que a gente tava começando a ficar rapazinho, nos treze anos, quatorze anos, eu achava aquilo muito bonito. Porém, eu sentia revolta, porque depois que eu fiquei sabendo que aquilo era uma revolta para o bem do povo, porque não eles também lutarem? e então a presença constante do Exército lá eles faziam vitimar muitas pessoas, inclusive um rapaz que foi nosso colega de aula, ele foi vitimado, eles disseram que ele era um dos terroristas. "Seu" Ribas, que era agrimensor formado pela Universidade Federal do Pará, **ele ficou traumatizado**¹². (grifo meu) Foi preso, ele apanhou bastante, e sofreu bastante. Inclusive, eu não sei se ele ainda é vivo. Houve muitos casos iguais ao dele por aí.*

Discutir e publicar tais relatos tem sido a ação mais comum dos pesquisadores da Guerrilha. Cada depoimento ou cruzamento de novos relatos dos moradores, cada sopro de memória contribuem para a formação de mosaicos de incerteza e desencontro em relação ao suplício, morte, e aos últimos momentos de vida dos guerrilheiros e às atrocidades cometidas pelo Exército, sobre a população da região. De todas as mortes que ocorreram, houve algumas que marcaram a população pela crueldade com que foram executadas as

¹¹ *Entrevista com Joel*. Morador do povoado de Metade - São Domingos/PA. Concedida a Romualdo Pessoa em 26 de julho de 1992, Araguaína – TO.

¹² Grifo meu.

vítimas, outras pela prática da decapitação, que surtiram na população que presenciou ao fato um misto de terror e indignação, como bem nos descreve uma moradora¹³:

Soldado eu não vi nenhum morto. Sinceramente eu não vi. Agora guerrilheiro eu vi. Eu vi um saco de cabeças, e vi também o Dr. Paulo¹⁴. Esse eu enfrentei a polícia e fui ver, porque ele tinha sido meu médico, e eu respeito muito quando uma pessoa tem uma posição, e foi uma pessoa que lutou muito pela saúde das crianças, da comunidade, das mulheres grávidas. Eu fui, porque minha salvação foi ele. Fui lá em Xambioá vê-lo morto. Da cintura pr'os pés ele não tinha carne, ou melhor, não tinha couro. Tava tudo em chagas. (...).

Conclusões parciais

A análise de Maurice Halbwachs, em sua obra *Memória coletiva* (1990), nos demonstra como uma mesma experiência, vividas por indivíduos de grupos ou relações sociais diferentes, pode ter reflexos e desfechos nas memórias destes, e também suporte nas dos outros. No depoimento de um religioso¹⁵, vemos tal exemplificação. O mesmo guarda na memória sua experiência e também visão deste episódio. Quando questionado sobre o período em que o Exército aprisionou e torturou muitos moradores a procura dos *terroristas e subversivos*¹⁶ paulistas, inclusive ele, assim relata o mesmo:

Não sei... tinha uns cinco, seis... talvez mais soldados. E, então eles começaram a questionar, mas não foi perguntas prá (...), foi só prá atacar mesmo. "Você é um subversivo, você tá conscientizando o povo prá se revoltar contra o governo brasileiro", e não sei o quê, não sei o quê, começou a atacar... (...) Aí eles pegaram dois prá dar soco assim, na cara, nos ossos, e botavam os dedos nos olhos, e torcendo os braços, e batendo a cabeça na parede, era pontapé na barriga, nos rins, eu fiquei bastante machucado. (...). E só perguntas sem sentido, "onde o Humberto tá se escondendo"? Ele não tá se escondendo em nenhum lugar, porque nós não temos nada prá esconder. "Mentiroso, sacana, safado". É

¹³ *Entrevista com D. Domingas* (Moradora de São Geraldo durante a Guerrilha do Araguaia) Araguaína. Concedida a Romualdo Pessoa, julho de 1992.

¹⁴ Paulo Mendes Rodrigues, economista gaúcho, viveu em São Leopoldo antes do Golpe de 1964. Membro efetivo Comitê Central do PC do Brasil, foi hábil criador de gado na região, tendo sido um dos primeiros combatentes da Guerrilha a chegar e comprar terras. Conhecido com "médico" pelos moradores da região do conflito. Hoje mitificado, assim como outros guerrilheiros João Carlos Haas, Osvaldão e Dina etc.

¹⁵ *Entrevista com padre Roberto de Valicourt*, concedida a Romualdo Pessoa e Gilvane Felipe Marabá – PA, em 16 de janeiro de 1994.

¹⁶ Desta forma, segundo os depoimentos coletados por Romualdo Pessoa Campos Filho, o Exército se referia aos guerrilheiros do Araguaia. Já a população, os conhecia como "os Paulistas".

pá, pá, pá, é porrada de todo jeito, e os soldados ficavam lá quieto. Me disseram depois que alguns tavam chorando sabe? Porque os soldados era recrutas, do Planalto. (...) Então, foi assim, durou mais ou menos uma meia hora, depois eles amarraram a gente, eu estava meio tonto, não tava tendo consciência do que tava acontecendo, eles bateram bastante a cabeça no chão e na parede. Pegavam pelo cabelo e batiam. (...) Depois eles amarraram a gente com as cordas, atrás, nos braços atrás e pelo pescoço, os três, e jogaram no Jeep. Fomos prá Palestina.

Desta maneira, evidencia-se o quanto às relações das memórias construídas pelos diversos grupos ou indivíduos sociais atuaram e mantém amplas conexões. Todas estas manifestações das diversas formas de produção e reprodução da memória presente ao episódio da Guerrilha do Araguaia são demonstrações do quanto ainda precisam ser estudados os limites e alcances das memórias dos envolvidos (Lowenthal, 1997). As conservações destes fatos marcantes pelos indivíduos que vivenciaram este episódio nos mostram como estes grupos ou pessoas acionam, à sua maneira, as implicações deste episódio traumático, como enfatiza Márcio Seligmann-Silva¹⁷: “Se cada vez mais a realidade é vista como traumática e a psicanálise determina o nosso modo de ver o ‘armazenamento’ do passado (...) nem por isso devemos acreditar na possibilidade de se entrecruzar sem precauções, o trauma estrutural ontogenético como trauma histórico, filogenético (...)” (2003, p.78). Podemos assim observar a complexidade de um trauma, em dois breves depoimentos de uma moradora e o religioso francês sobre as ações do Exército neste período, e sobre os “terroristas” os quais procuravam.

(...) Agora o pior foi depois, sabe? Porque lá a reação foi bastante forte, você reage na hora da tortura, o sistema nervoso reage. Agora depois que passa uns dias vem o medo. Toda noite eu me levantava, ficava sentado na rede, quando via um cachorro passando na rua, uma pessoa, um carro, eu dizia:” pronto eles vêm me pegar”. Eu fiquei quase doido, sabe? de medo. Eu tive que enfrentar bastante, o que me salvou... que eu disse “eu vou ficar louco assim, então vou enfrentar”. Então eu decidi uma vez de ir a 24 quilômetros, num lugar onde encontrei um guerrilheiro, sem saber quem era... então eu fiz esse caminho a pé com um companheiro no meio do foco. Do Exército de um lado, os guerrilheiros tavam do outro lado, era um lugar muito perigoso naquela época.(...)” O povo me dizia, você é louco, é doido, enfrentar assim e essa área que é perigosa, onde tem patrulha do Exército, onde tem grupo de guerrilha, né? (...) Diziam, você corre perigo de vida. Eu disse, mas eu quero, então voltei prá São Domingos de madrugada, sozinho, tava apenas eu, nunca mais senti medo, sabe? Foi a experiência que fiz

¹⁷ SELIGMANN-SILVA, Márcio. (org.) *História, Memória, Literatura: O Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

e que venceu mesmo, depois fiquei tranqüilo. E a Maria das Graças não fez essa experiência, ela não enfrentou, e não conseguiu mais ficar na região. Ela voltou um ano depois, mas não conseguiu dormir mais, aí ela teve que voltar prá Goiânia, não suportou mais. Sem fazer essa experiência eu não sei o que teria acontecido comigo, porque o medo é terrível.

E de outra moradora¹⁸

Eles falavam assim: eles dizem que esse povo é terrorista, terrorista é eles que vivem aqui matando, espancando, fazendo barbaridade, eles é que são terroristas. Um povo tão bom, que veio aqui para ajudar, tudo é estudante, esse povo tudo é universitário. Todo mundo tinha medo, tinha horror era do Exército, o povo tinha medo era do Exército. A gente tinha tanto medo que alguém quando falava alguma coisa dizia assim que ninguém podia falar alto que podia ter aparelho na rua e que vai ouvir o que a gente tá falando, aí vai pegar a gente e vai levar prá lá. E levaram muita gente lá prá base.

Os fatos envolvendo a Guerrilha do Araguaia demonstram ao mesmo tempo o amálgama de variados tipos de memória que estão imbricados na vida dos moradores e guerrilheiros, atores diretos e indiretos do conflito. Por se tratar de uma população camponesa, o episódio ainda é, para muitos deles, o fato mais marcante de suas vidas. A Guerrilha do Araguaia requer muitas elucidações pelos historiadores e especialistas em fontes orais. Há que se fazer menção aos limites das narrativas e ao papel em que as repercussões destes fatos pela imprensa, provocaram na estruturação das mesmas, que podem funcionar como indicadores concordantes ou contraditórios da identidade social desta região diante de tais acontecimentos.

¹⁸ *Entrevista com D. Amância* - moradora de Xambioá até o ano de 1977 Araguaína, concedida a Romualdo Pessoa Campos Filho em 23 de julho de 1992.